Teorias sociais à luz dos estados de espírito

Recolhendo-me ao realismo recomendável para não perder o contacto com a imaginação dominante, sugiro que a selecção das matérias enfatizadas junto dos estudantes de teorias sociológicas decorra do estudo dos respectivos estados de espírito e dos estados de espírito que os próprios autores estudados destacaram nas respectivas análises sociais, para benefício das teorias sociológicas. Os estados de espírito de que falo são o centro conceptual do trabalho teórico que tem acompanhado a minha investigação sociológica.

A caracterização dos estados de espírito dos autores, numa fase da sua vida escolhido para o efeito, seria confrontada com a dos estados de espírito históricos estruturantes desse tempo, de modo a identificar os limites conhecidos das teorias sociais e sugestões de caminhos a percorrer por estudantes, nas suas futuras vidas de sociólogos, caso venham a estar em condições de contribuir para a actualização e consolidação da sociologia.

Esta recomendação, no quadro dos preceitos de liberdade, conflitualidade e respeito, acima enunciados, não pretende conquistar a hegemonia das orientações do ensino da sociologia no ISCTE-IUL. Pretende apenas ter espaço para lutar pela divulgação/estímulo da investigação que a sustenta. Não apenas ou sobretudo pelo mérito que possa ter ou vir a ter, mas para afirmação da conflitualidade em liberdade, sem o que a vida académica estiola.

Porque haverá de haver uma sociologia do ISCTE, diferente daquela de outras escolas? Faz-me lembrar a noção do electrão português defendida numa sebenta de um curso de engenharia que frequentei em jovem, no tempo do antigo regime. Mais empiricista ou mais teórica, mais conservadora ou mais socialista, a sociologia, a discussão sobre o que seja a sociedade, deve ser potencialmente só uma. Aberta a todas as discussões e igualmente exigente contra todos os preconceitos.

O interesse em criar e apresentar uma tal abordagem pedagógica, com o intuito de apresentar aos colegas o valor da mesma, caso fosse encarado como uma contribuição e um estimulo, e não uma avaliação de conformidade, é a de autorizar a sua utilização por quem esteja interessado nela. A sua avaliação seria feita pela critica entre colegas, antes e depois do seu uso em aula. O desinteresse de alguns colegas (ou alunos) pela abordagem não deveria ser aceite como crítica. A repugnância e o ostracismo não devem ser aceites como parte integrante e legítima do trabalho científico.

Para que esta recomendação possa ser atendida será necessário que outras recomendações sobre que matérias enfatizar e deixar de lado, pedagogicamente, sejam apresentadas em concorrência, entre colegas e aos alunos. Cada professor, evidentemente, tem a sua própria estratégia pedagógica, mais ou menos reflectida e formalizada. A apresentação dessa estratégia e dos instrumentos que a acompanham, ainda que não sejam utilizáveis na sua plenitude por outros professores, podem ser parcialmente utilizadas ou servir de inspiração para práticas pedagógicas diversificadas. Gerando, paulatinamente, um ambiente de conflitualidade intelectual em liberdade.

Quadro 1. Estados de espírito identificados por autores clássicos

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Autores | Marx | Durkheim | Weber | Simmel |
| Estados de espírito | Espírito revolucionário | Espírito corporativo | Espírito do capitalismo | Espírito de agente /agência |

Teorias clássicas dividem-se em estudos do espírito revolucionário (Marx), corporativo e nacional (Durkheim), capitalista (Weber), de agente (Simmel). As teorias das grandes escolas dividem-se entre o espírito de jogo (sistemas) e o espírito de oposição (emancipação, transformação), sendo que este último sofre nuances pronunciadas (espírito conflitual ou violento e espírito de unidade com ou sem oposição).

Quadro 2. Estados de espírito identificados por autores século XX

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Autores | Parsons/Merton | Habermas/Marcuse | Coser/Darhendorf | Mead |
| Estados de espírito | Espírito de jogo | Espírito de oposição | Espírito de conflito | Espírito auto-consciência |

Esta simplificação permite reconhecer a diferença entre os debates intelectuais em gerações da sociologia diferentes, e compará-los com os diferentes contextos históricos em que ocorreram. Permite também observar como a velha contradição platónico-aristotélica anima as grandes escolas rivais, de que somos herdeiros. A utopia funcionalista-comunicacional tende a reduzir a centralidade do conflito e da extrema violência nas relações sociais, ao mesmo tempo que se abstrai das leis biológicas, digamos assim, que organizam as necessidades (desejos e intenções) humanas e o modo como as sociedades evoluem na sua satisfação. Por exemplo, como as sociedades modernas, teoricamente mais capazes de satisfazer necessidades básicas, produzem mais desigualdades sociais que as sociedades tradicionais. Ao mesmo tempo que nunca houve tanta gente, resultado dos avanços da medicina, nunca houve tantas mortes resultantes de guerras (que se dirigem directamente a populações civis) e de sede e fome.

As teorias contemporâneas lutam por conciliar a herança estruturada (de guerras e fomes à mercê dos elementos e dos desastres naturais, para quem não adira ou não esteja protegido pela sociedade moderna) e a vontade consciente e organizada, alegadamente orientada por valores como a liberdade e a igualdade. Presume que o avanço das tecnologias é infinito, bem como o da economia, mas que exige permanentes sacrifícios presentes para benefícios futuros. As instabilidades emocional, pessoal e social, biológica e ideológica, como uma constante da vida, os conflitos e violências, o trabalho incessante de (re)construção de identidades sociais individuais é tratado como um mistério. Como uma estrutura que enche vagarosamente e que transborda ou quebra sem aviso. Obrigando a reestruturações sociais aceleradas, que os métodos sociológicos se auto-declaram incompetentes para estudar. O que é aparente, para a actual teoria social dominante, não é a mudança, mas a estabilidade. De facto, a confirmação científica da estabilidade serve o sentimento de segurança. O problema é saber se a ciência se deve conformar com tal limitação. E se não há que inventariar proposta de superação da mesma.

Por exemplo, não daria jeito estar em melhores condições do que aquelas que conhecemos actualmente para prever a insegurança esperada face à crise ambiental ou face às dificuldades de manutenção do sistema financeiro global?